

## “É que nem morcego”: a construção identitária de trabalhadores noturnos

**Autoria:** Ana Paula Rodrigues Diniz, Ivana Benevides Dutra Murta, Raquel de Oliveira Barreto

### Resumo

O objetivo deste artigo é estudar a construção identitária dos trabalhadores noturnos, sujeitos ainda desprivilegiados nas pesquisas em Administração. Para tanto, realizou-se uma investigação teórica, tanto da identidade, como do trabalho noturno e, complementando a produção já existente, está se desenvolvendo uma pesquisa empírica, a qual originou as considerações aqui apresentadas. A metodologia de coleta de dados proporcionou a apreensão das histórias de vida por meio de entrevistas em profundidade, realizadas com seis pessoas. Para a análise dos dados usou-se a técnica Análise do Discurso seguindo a corrente francesa, de forma a apreender o sentido ideológico dos discursos. Observou-se que não há a identificação desses trabalhadores com o trabalho noturno, devido à contradição no que diz respeito à base de socialização dos indivíduos – a qual determina o uso do dia para o trabalho e da noite, para as atividades lúdicas e o descanso – bem como em função da deterioração da saúde e das relações sociais. Percebeu-se que inúmeras representações negativas emergem do trabalho noturno e, nesse sentido, questiona-se a possibilidade de identificação desses atores diante das peculiaridades desse tipo de trabalho.

### 1. Introdução

Essa pesquisa tem como objetivo apreender as percepções dos trabalhadores noturnos em relação ao seu trabalho – organizado de forma distinta do trabalho diurno – e, por meio de tais percepções, traçar os principais pontos de (não)identificação desses sujeitos com o tipo de trabalho no qual estão inseridos. Justifica-se a importância deste estudo pelo número de trabalhadores noturnos, que tem se tornado cada vez mais representativo em função de aspectos de ordem econômica e social e pela incipiência das pesquisas acerca do tema na Administração. Argumenta-se que na medida em que o trabalho noturno tem se tornado cada vez mais expressivo para a sociedade moderna, a observância desse tipo de trabalho faz-se indispensável nos Estudos Organizacionais.

A construção de conhecimento sobre o trabalho noturno, em sua maior parte, provém das ciências ligadas à saúde, como, por exemplo, os estudos desenvolvidos por Rutenfranz, Knauth e Fischer (1989) e Regis Filho (1998). O interesse desses pesquisadores pelo assunto justifica-se pela preocupação com seus impactos para a vida das pessoas. Segundo Regis Filho (1998), as diversas alterações decorrentes do trabalho noturno acarretam na indiscutível deterioração da saúde física e mental dos indivíduos e, conseqüentemente, na diminuição da qualidade de vida dos mesmos. A Associação Nacional de Medicina do Trabalho, ANAMT, enumera os diversos distúrbios advindos desse tipo de trabalho e ressalta que é impossível os indivíduos se adaptarem a ele, vivenciando, assim, constantemente os malefícios de se trabalhar no período da noite.

Várias razões são apontadas para a disseminação do trabalho noturno na atualidade. Primeiramente, podem-se citar as tecnologias que não permitem a interrupção do processo produtivo, como ocorre em indústrias que operam com alto-fornos ou com grandes processos químicos. Outra possível causa é a exigência de atendimento direto à população, em relação às diversas necessidades criadas por nossa sociedade, motivo este pouco considerado nos debates sobre o assunto. Este é o caso, por exemplo, dos serviços vinte e quatro horas, os quais visam o alcance de padrões de qualidade demandados pelo consumidor moderno, ou ainda dos serviços para atender às atividades lúdicas ou ao transporte, entre outras. (RUTENFRANZ, KNAUTH, FISCHER, 1989).

As imposições econômicas também devem ser mencionadas, já que consistem na causa mais freqüente da introdução dos turnos. As instalações e, principalmente, os maquinários, nos dias atuais, demandam enormes investimentos e tornam-se obsoletos com tamanha velocidade, que a produção racional se torna imaginável apenas com o uso intensivo desses equipamentos. Desta forma, a introdução dos turnos configura-se uma medida plausível, ao passo que viabiliza uma maior diluição dos custos na produção. Vale lembrar que, no Brasil, os motivos mais freqüentes para o uso dos turnos são as determinações tecnológicas e econômicas. (RUTENFRANZ, KNAUTH, FISCHER, 1989).

Tendo em vista a concepção do trabalho noturno como um tipo de trabalho que se organiza de forma peculiar, resultando, inclusive, em inúmeros prejuízos para a vida das pessoas, faz-se interessante compreender como tais questões influenciam a maneira como estes trabalhadores percebem a si mesmos e o mundo que os cerca. É, neste sentido, que a identidade é considerada um construto a ser analisado. Como aborda Gioia (1998), as configurações identitárias são determinadas pelo contexto nos quais os atores estão inseridos e, assim, as percepções dos sujeitos da pesquisa acerca das especificidades inerentes ao trabalho noturno instigaram a investigação aqui realizada.

Este artigo está subdividido em 5 partes, incluindo esta introdução. A seção seguinte é constituída pelo percurso teórico que orientou a pesquisa, abordando a identidade e o trabalho noturno. Na seqüência são explicitadas as opções metodológicas para, logo em seguida, apresentar a análise dos dados obtidos. Na última seção constam as contribuições do estudo e sugestões para novas pesquisas.

## **2. Referências teóricas**

### **2.1 A identidade**

O termo identidade tem se tornado habitual tanto na linguagem científica quanto na popular. Freqüentemente, discute-se sobre “crises identitárias” sem saber ao certo o que essa expressão abrange. Para Dubar (2005), a identidade é aquilo que os indivíduos têm de mais precioso e sua perda acarreta em sofrimento, alienação, angústia e morte. Segundo esse autor, a identidade humana não é algo nato, ela é construída e reconstruída de modo dialético no decorrer da vida dos indivíduos, o que também é corroborado por Fernandes (2005), quando faz a relação entre sujeito, identidade e sua dinamicidade, demonstrando implicitamente que os discursos são igualmente dinâmicos e heterogêneos. Nesse sentido, a identidade é fruto de sucessivas socializações, de sucessivas experiências, concordando com o que apresenta Laraia (2001, p.45), quando relata que “o homem é o resultado do meio cultural onde foi socializado” e reafirmando, portanto, a importância do contexto para a construção das identidades.

Ao esboçar sua teoria sociológica da identidade, Dubar (2005) reafirma o caráter dual da mesma. Para o autor, a identidade cinde-se internamente em identidade para si e para o outro, segmentos inseparáveis e problematicamente relacionados. Inseparáveis, na medida em que a identidade correlaciona-se ao outro e ao seu reconhecimento; e problematicamente relacionados, uma vez que as vivências do outro nunca são plenamente experimentadas pelo “eu”. Sendo a linguagem a responsável pela transmissão da identidade que o outro atribui ao indivíduo e considerando que as comunicações são sempre marcadas pela imprecisão, o “eu” jamais saberá se a identidade para si coincide com a sua identidade para o outro e, nesse contexto, “a identidade nunca é dada, ela é construída e (re)construída em uma incerteza maior ou menor e mais ou menos duradoura”. (DUBAR, 2005, p.135). O autor complementa que essa constante negociação

entre identidades configura um mecanismo comunicativo complexo, que não pode ser reduzido a rotulagens de identidades pré-definidas, o que faz da qualidade das relações interpessoais um elemento fundamental da dinâmica das identidades.

Considera-se aqui que identidade e cultura são processos histórico-sociais extremamente dinâmicos tanto passíveis de alterações pelas diversas socializações antigas e contemporâneas quanto influenciados por elementos psicológicos. Como afirma Machado (2003), tem-se que a identidade individual é uma construção mental complexa resultante de uma relação dialética que compreende o indivíduo como semelhante a seus pares, mas singular em sua vivência pessoal. Ao estabelecer igualdades e diferenças, os indivíduos delimitam os limites entre a individualidade e os grupos aos quais se está vinculado, culminando em identidades bem consolidadas. Gioia (1998) salienta ainda que o balanço entre a igualdade e a diferença constitui uma das noções mais fundamentais para o entendimento das identidades. Para o autor, a manutenção desse balanço faz da construção identitária um processo ambíguo, que não só permite maior adaptabilidade na autodefinição do indivíduo como também a autopercepção de sua complexidade enquanto um ser múltiplo e paradoxal.

Segundo Dubar (2005), dentre os acontecimentos mais relevantes para a formação da identidade está a inserção no mundo profissional. É por meio dessa confrontação com o mercado de trabalho que os contornos de uma identidade profissional básica serão definidos. Fernandes e Zanelli (2004) corroboram tal importância do mundo profissional para a construção das identidades. Para os autores, a premissa de que a identidade é formulada a partir da inserção dos indivíduos em grupos diversos ressalta a expressividade das organizações de trabalho, na medida em que essas representam um grupo significativo para os seus membros. Os autores argumentam ainda que, na experiência profissional, características, hábitos e valores compartilhados são incorporados, levando à modificação dos indivíduos.

Machado (2003) explicita que a identidade pode ser tratada sob diversas perspectivas. A autora enfatiza que tais perspectivas são complementares, não sendo possível delimitar claramente cada uma delas, isto é, identidades pessoal, social, profissional e organizacional se confundem no processo de construção do “eu”. Discute-se, no entanto, que a identidade abordada nesta pesquisa não se refere à identidade profissional, tendo em vista o fato de que ser um trabalhador noturno não constitui uma profissão e sim um *status* do trabalho. Isso porque as profissões giram em torno dos saberes e competências indispensáveis à realização de suas respectivas atividades, o que não ocorre no tipo de trabalho em questão. No caso de um médico que realiza plantões, por exemplo, prestar serviços no período da noite é apenas uma condição do seu trabalho de assistir os pacientes. Ainda que o trabalho noturno seja entendido desta forma, torna-se indispensável discutir as inúmeras conseqüências desencadeadas pelo mesmo na vida das pessoas, seja no que diz respeito à saúde, ao convívio social, dentre outras.

## 2.2 O Trabalho Noturno e seus impactos

Atualmente, entende-se por trabalho em turno aquele que é executado em horário excepcional, seja pela alternância do período de trabalho ou pela permanência em horário incomum. Como abordado por Rutenfranz, Knauth e Fischer (1989, p.13), o turno pode ser definido como “(...) uma organização da jornada de trabalho que difere sensivelmente da jornada de trabalho normal (escala regular) da média da população, sobretudo em relação aos horários em um dia”, considerando como jornada normal, aquela em que o trabalho geralmente é executado entre seis e dezoito horas, com base na semana de cinco dias e nas quarenta horas semanais. Observa-se assim que o trabalho noturno, organização temporal do trabalho aqui estudada,

compreende um tipo específico de trabalho em turnos, sendo executado permanentemente no período de vinte e duas horas de um dia até as cinco horas do dia seguinte. (CLT, art. 73, § 2º).

De acordo com Regis Filho (1998), a inserção dos indivíduos no trabalho noturno desencadeia inúmeras alterações em suas vidas, deixando seqüelas inapagáveis no trabalhador. Tal fato deriva da dessincronização do ciclo biológico ao dia ou, em outras palavras, da quebra com o ciclo circadiano (do latim: *circa* = em torno de; *dies* = do dia). Entende-se por ciclo circadiano a regularidade e articulação dos ritmos biológicos no transcurso de vinte e quatro horas. Ao trabalhar à noite e dormir durante o dia, os trabalhadores têm a periodicidade diária de suas funções orgânicas transposta, na medida em que se dá o rompimento da mesma com o ciclo circadiano. Em decorrência disto, tentativas de adaptação surgem no corpo, podendo, caso esta não seja alcançada em sua totalidade, gerar distúrbios sociais, mentais e físicos e, no longo prazo, culminar em doenças. A Associação Nacional de Medicina do Trabalho, ANAMT, afirma que o corpo humano não é capaz de adaptar-se à inversão dia-noite e ressalta:

O homem é um ser de atividade diurna e repouso noturno. Após muitas semanas de trabalho noturno, bastam poucos dias dormindo à noite e já se observam modificações importantes dos ritmos biológicos tentando se comportar de forma normal. Quanto maior o número de noites trabalhadas, maiores os problemas que a pessoa enfrenta a curto, médio e longo prazo. Maiores serão as perturbações biológicas e comportamentais. (ANAMT).

Rutenfranz, Knauth e Fischer (1989) enfatizam que a impossibilidade de adaptação dos homens aos novos hábitos ocorre porque a periodicidade diária das funções orgânicas é fruto da interação de fatores internos e externos sendo, assim, indispensável para o ajustamento completo à inversão noite-dia que os indicadores humanos específicos como o comportamento social, o conhecimento da hora, etc, também sejam alterados. Neste sentido, como os trabalhadores em turnos não podem fugir da estrutura de horários da sociedade em que vivem, a total adaptação nunca se dá, acarretando em desordens orgânicas e sociais. Kleitman (1963) *apud* Rutenfranz, Knauth e Fischer (1989) ressalta que para entender os possíveis distúrbios decorrentes dessa organização de trabalho, antes de qualquer coisa, deve-se compreender que o ritmo de alternância dos estados de vigília-descanso não está relacionado aos níveis de cansaço, e sim, à ligação que o organismo faz entre os períodos do dia e estas atividades. A inversão dia-noite característica do trabalho noturno altera claramente este ritmo, acarretando em menor duração do sono e, conseqüentemente, em maior freqüência das perturbações.

De acordo com a ANAMT os possíveis sintomas e doenças decorrentes do trabalho noturno são: azia, má digestão e maior risco de úlceras gástricas; irritações do cólon; dificuldades em manter a regularidade intestinal; alterações metabólicas dos lipídeos, acarretando em aumento do colesterol de baixa densidade; maiores riscos de desenvolver doenças cardiovasculares; dificuldades para adormecer; sonolência noturna; dificuldades em manter a concentração e em se lembrar de fatos recentes; etc. Essa também faz menção a resultados de estudos recentes os quais mostram que o trabalho noturno aumenta o risco de desenvolvimento de diabetes, de câncer de mama e de câncer de cólon-retal; e, nas mulheres, aumenta a freqüência de problemas menstruais, comete em maiores dificuldades para engravidar e, quando grávidas, aumenta a incidência de partos prematuros e, até mesmo, de abortos. (Fonte: *site* ANAMT).

Dentre os inúmeros desgastes sofridos pelo trabalhador noturno, destacam-se também as perturbações da vida social. Ao trabalharem em horário incomum, as atividades com a família, participações em órgãos políticos, encontros com amigos, dentre outros, tornam-se muito limitados, podendo levar a um sentimento de segregação social. Segundo Regis Filho (1998), o

trabalho noturno tende a alterar as relações interpessoais e as estruturas familiares. Outro impacto advindo deste tipo de distúrbio é que, na tentativa de não serem totalmente excluídos da convivência em sociedade, estes trabalhadores em dias de folga aproveitam o dia e reservam o descanso para a noite, (re)invertendo os hábitos e causando ainda mais transtornos aos ritmos biológicos. (RUTENFRANZ; KNAUTH e FISCHER, 1989).

Rotenberg *et al* (2001) salientam que os desencontros decorrentes do trabalho noturno chegam a interferir na vida afetiva e sexual desses trabalhadores. Como discutido por Berger e Luckamnn (1996), a regulação social das funções biológicas pode ser facilmente percebida naquilo que se refere ao sexo, já que o homem sabe dessa necessidade, mas a sociedade é quem dita “onde” e “como” ele irá saná-la. Nesse sentido, a noite é reservada para o sexo e, não dispondo da mesma, a intimidade dos casais fica muito comprometida. Rotenberg *et al* (2001) enfatizam ainda que as perturbações acompanham diferenças de gênero. Ao fazer a relação entre gênero e trabalho noturno, os autores afirmam que para as mulheres as demandas por trabalhos domésticos e por cuidados dos filhos, atribuições socialmente definidas para o público feminino, ocasionam uma dupla jornada de trabalho, sobrecarregando essas trabalhadoras e afetando gravemente o seu tempo de descanso.

Diante da impossibilidade de adaptação dos trabalhadores à mudança de hábitos inerentes a este trabalho, cabe mencionar que, como o observado por Rutenfranz, Knauth e Fischer (1989), o trabalho noturno constitui uma ameaça real à saúde dos trabalhadores na medida em que distúrbios de ordem social e biológica em menor ou maior grau advirão deste. Questiona-se, dessa forma, como os indivíduos os sujeitos percebem esse trabalho no qual estão inseridos.

### 3. Metodologia

No intuito de apreender as percepções e significações culturais que emergem a partir da inserção dos trabalhadores em cargos noturnos, utilizou-se como método de pesquisa a história oral. Segundo Vergara (2005), a história oral permite reconstituir as trajetórias dos indivíduos, tornando possível a visualização dos padrões de socialização e das identidades desenvolvidas na vivência do trabalho. Para alcançar o objetivo almejado, utilizou-se como técnica de coleta de dados um misto de história de vida e entrevista temática, no qual os indivíduos não só relataram suas trajetórias profissionais como também discutiram aspectos específicos do trabalho noturno, como os impactos na saúde e na vida social.

A coleta de dados foi feita com trabalhadores noturnos de diferentes profissões. Tal escolha se justificou pela intenção de minimizar os impactos que a natureza da atividade e que os vínculos com as empresas correlatas exercem sobre as identidades, esclarecendo ao máximo a relação indivíduo-trabalho noturno. Optou-se por trabalhar com roteiro semi-estruturado, a fim de permitir melhor inserção e mobilidade do pesquisador, com o intuito de introduzi-lo no universo cultural e discursivo dos atores sociais entrevistados, que segundo Thiollent (1987) é passível de ser logrado com esta metodologia. Destaca-se que no desenvolvimento do roteiro as questões acerca do trabalho noturno e do trabalho diurno foram feitas paralelamente, de modo que os entrevistados ressaltassem as diferenças existentes entre os turnos. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas com fidedignidade.

Na análise dos dados, optou-se pela técnica Análise do Discurso (FERNANDES, 2005) e (FIORIN, 2003), compreendendo-a como um meio para a apreensão dos discursos, que aqui podem ser definidos como: “(...) que necessitam de elementos lingüísticos para ter uma existência material. (...) Discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente lingüística”. Isso implica em dizer que o discurso apresenta

os “aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas” (FERNANDES, 2005, p.20).

A análise foi feita por trechos de entrevistas, que estão numerados de 01 a 21 e os enunciadores são identificados pela seqüência de E1 a E6, visando preservar suas identidades. Na análise foram detalhados alguns aspectos, dentre os quais destacam-se: (1) principais temas e figuras; (2) seleção lexical; (3) delineamento de personagens e possível silenciamento de outros; (4) implícitos pressupostos e subentendidos e (5) o uso de metáforas. (DUCROT, 1987). Esses aspectos foram analisados objetivando compreender o sentido dos discursos, a fim, então, de apreender as identidades dos sujeitos ou a não identificação dos mesmos com o trabalho noturno. Isso porque, conforme aponta Bakhtin (1975, p.32), todo signo é ideológico e então refletem e refratam significados simbólicos, que representam as ideologias ou as visões de mundo do enunciador. O discurso, tal como a linguagem, a cultura e a ideologia, é socialmente construído e transformado, sendo, portanto, um elemento que emerge das socializações do indivíduo. Ressalta-se que, nos trechos analisados, as seleções lexicais foram destacadas pelo recurso **negrito** enquanto as passagens mais relevantes foram destacadas pelos recursos sublinhado e *itálico*, com o intuito de chamar a atenção do leitor para as partes que fundamentaram as diferentes análises.

Outro aspecto de extrema relevância para este trabalho, e que diz respeito à técnica de análise utilizada, compreende as condições de produção do discurso. (PÊCHEUX, 1969) e (FERNANDES, 2005). Faz-se necessário trabalhar com o contexto de produção do discurso, já que o mesmo é construído tanto em função deste contexto quanto da relação estabelecida entre enunciador e enunciatário. Conforme descreve Fernandes (2005), corroborando com Pêcheux (1969): “As condições de produção do discurso compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação social. As palavras têm sentido em conformidade com as formações ideológicas em que os sujeitos (interlocutores) se inscrevem”. (FERNANDES, 2005, p. 23). Deve ser esclarecido também, para melhor compreensão de todo o processo, o conceito de “sentido” trabalhado na análise das entrevistas. Sentido aqui é compreendido diferentemente da idéia de significado dos lexemas – significado sem o contexto – sendo, então, intrinsecamente relacionado às condições de produção do discurso.

#### 4. À noite nem todos os gatos são pardos

Em decorrência dos problemas sociais gerados pelos trabalhos em turno, com destaque para o turno da noite, que está especificado neste artigo, duas questões se mostram pertinentes: (1) a não identificação com o trabalho noturno, em virtude da deterioração da saúde e das relações sociais bem como da ambigüidade vivida pela permanência em um trabalho que contradiz a socialização básica desses sujeitos ou (2) a identificação com o trabalho noturno, a qual se estabelece em função da valorização dos benefícios que este proporciona em detrimento dos aspectos negativos já mencionados. A seguir, apresentam-se as formas de percepção do trabalho noturno de 6 (seis) entrevistados que representam diferentes vozes.

##### 4.1 Significado do trabalho e do trabalho noturno

Trabalhar à noite representa uma diferença mais relevante que a simples troca entre dia e noite. Além de desencadear uma intensa dessincronização biológica, conforme já descrito e observado no referencial teórico, o trabalho noturno acarreta a inversão de todo um padrão de vida, considerando a cultura e os costumes. Considera-se nesta análise o que aponta Laraia (2001, p.75-79), quando coloca que a cultura é a responsável por criar necessidades e impactos

fisiológicos, dentre elas a necessidade de cumprir certos horários e tipos de alimentação, quantidade de horas dormidas e horário para o sono, dentre outras coisas. E ainda acrescenta-se o que analisam Berger e Luckmann (1996) sobre como a sociedade regula as funções biológicas de modo a torná-las socialmente aceitáveis e, com isso, consolida identidades e padrões culturais. Nesse sentido, tem-se que os trabalhadores noturnos romperiam com uma identidade cultural e possivelmente criariam outra identidade ou outras identidades. Isso pode ser percebido a partir do trecho 01 da entrevista feita com E2, no qual ele mesmo explica a origem da dificuldade do trabalho noturno: a socialização.

(01) Porque a gente está sempre **acostumado**, desde pequeno, assim, escola... Então está acordando cedo e, no caso, à noite está descansando. Durante o dia está fazendo alguma atividade, assim. Depois a gente começa a trabalhar também. Aí, durante o dia a gente acha **normal**. Aí, seu organismo sente a diferença de quando a gente vai trabalhar à noite, porque desde a infância está na rotina normal e chegar a trabalhar à noite é bem assim... bastante **diferente** do dia. (E2)

Nesse trecho, os aspectos da influência da socialização na cultura e nos costumes e, por conseqüência, na identidade são percebidos por E2 que os enxerga como os responsáveis pela dificuldade em acostumar-se com o trabalho noturno. Nesse contexto, o uso do lexema **normal** pode ser abordado, a partir do pressuposto de que o que não se encaixa na ordem definida pela socialização vivenciada seria o anormal. A anormalidade pode ser subentendida também pela seleção lexical, que engloba lexemas visando o sentido da diferença e do estranho que precisa ser inserido na realidade do organismo. Assim, acostumar aparece como uma necessidade violenta para o organismo que precisa se adequar. O mesmo tema da **anormalidade** pode ser percebido no trecho 02, a partir da relação do trabalho noturno com a figura de um animal:

(02) É que nem morcego. De dia fica em casa, aí, de noite sai para trabalhar E assim... é uma experiência até legal, assim... **mudar**. Porque eu trabalhei muito tempo durante o dia e à noite está sendo, assim... **diferente** (...) Às vezes penso que eu podia estar trabalhando **normal** e àquela hora eu podia estar descansando, dormindo. (E2)

Quando solicitado para explicar o que significa o trabalho noturno, E2 volta ao percurso temático desenvolvido ao longo de toda sua entrevista. A metáfora do morcego surge no discurso de E2 de maneira a causar um choque, demonstrar o quão fora da normalidade está o trabalho noturno, devido ao fato de o homem alterar seus hábitos aproximando-os aos de um morcego. Além de o tema surgir a partir da associação com a figura do animal, ele aparece também explícito no discurso do enunciador, quando ele diz que poderia trabalhar normal, pressupondo que seu trabalho é anormal. Interessante destacar que o morcego é um animal amplamente conhecido por sua atividade noturna, constituindo o extremo oposto do ser humano, o qual possui hábitos diurnos. Nesse sentido, a escolha dessa metáfora não se justifica apenas pelo sentido da anormalidade, mas também pelo sentido da inversão dia-noite característica desse animal.

Já E4, como é possível perceber no trecho 03, ao ser questionada sobre o significado do trabalho noturno, aponta diversas representações negativas, que podem ser analisadas a partir do percurso temático que desenvolve neste trecho, identificado pela seleção lexical e pelo sentido ideológico que assumem essas expressões. Neste trecho, a entrevistada representa dois grupos – o de trabalhadores noturnos e o das mulheres que trabalham. O percurso desenvolvido pela enunciativa começa com a representação do que implica o trabalho em sua vida – cansativo. Mas acrescenta justificando-se que não é cansativo somente devido à inversão de horários, mas também pela questão do gênero na interpretação e na vivência deste tipo de trabalho. A

enunciadora destaca que, para a mulher, esse tipo de trabalho é ainda mais penoso devido à duplicidade da jornada de trabalho, o que corrobora os argumentos apresentados por Rotenberg *et al* (2001). Importante ressaltar o que a entrevistada aponta no final do trecho 03 a respeito da centralidade do trabalho noturno em sua vida, como se este passasse a coordená-la e não apenas fizesse parte dela.

**(03) Cansativo.** Cansa, você fica **cansado** na minha opinião. Principalmente eu acho que pra mulher. Porque a mulher além do trabalho... quem trabalha fora de casa ainda tem o trabalho dentro de casa. Mas, eu acho que é **muito complicado**, porque... acho **complicado** porque você não tem um... você não consegue ter uma noite de sono, você não consegue ter uma vida tranqüila, você muda todo o seu ritmo de vida, de organismo, de tudo. Toda a sua vida gira em torno da noite. (E4)

A partir do trecho 04 é possível visualizar outras representações da noite. A noite aqui é vista como o momento da solidão. A noite é tanto tempo como sujeito, aparece personificada, é silenciosa e por isso, representa a solidão pela ausência de movimentos e de pessoas, que neste período descansam.

**(04)** A gente nota também, no caso, o **silêncio da noite** que a gente fica observando... às vezes **algum barulho... porque à noite quase que não tem, assim, movimentação.** Então a gente se sente mais, aquela questão de estar no noturno ali. Até um pouco de **solidão.** (...) É **tranqüilo** (trabalhar à noite), mas às vezes fica **monótono** porque é muito **quieto** (...) pára de passar carro, pára de passar tudo. Chega uma hora que não tem mais nada aqui. (E2)

Os percursos temáticos da anormalidade, do cansaço e da solidão já demonstram como esses trabalhadores percebem esse tipo de trabalho. Ao atribuir tais significados ao trabalho noturno, os enunciadore revelam uma percepção negativa acerca do mesmo, a qual será reafirmada ao longo de toda a análise. Em seguida será discutida a motivação para a inserção no trabalho noturno.

#### 4.1.1 Opção ou necessidade?

Por meio da análise, os percursos semânticos do trabalho e da noite possibilitaram o deslindamento de dois importantes temas que apareceram com mais ou menos frequência no discurso dos entrevistados, os quais, a opção e a necessidade. E a partir da seguinte análise será possível perceber como os dois podem, inclusive, aparecer juntos, formando um discurso contraditório. Há pessoas que dizem se inserirem no trabalho noturno por opção e há aquelas que o fazem por necessidade. Nesse momento serão pontuadas as duas análises.

No trecho 05, percebem-se duas vozes a partir da seleção lexical que se refere ao percurso semântico do trabalho. Neste trecho, o percurso semântico está constituído dos dois temas: (1) a satisfação e (2) a necessidade, apresentando-se como sujeito polifônico. Os dois temas podem ser compreendidos como representantes, respectivamente, de duas ideologias, a primeira seria a construída pelo grupo de E1, pessoas que gostam da noite, a qual aparece a partir do sentido creditado aos lexemas **hedonismo, prazer, gosto e fácil.** Ressalta-se que o prazer também é explicado por outras sensações, dentre as quais se destaca a da facilidade, exigir menos esforço representa então um elemento prazeroso.

A outra perspectiva do trabalho, que aparece no mesmo trecho, pode ser percebida como oposta à primeira elucidada, considerando que todas as pessoas, para serem enquadradas nos

padrões morais e culturais, deveriam trabalhar e sustentar-se a partir do mesmo. Essa segunda ideologia pode ser percebida a partir dos lexemas: **necessário**, **obrigação** e **tenho**. A polifonia presente neste trecho apresenta-se conflituosa na medida em que o enunciador assume a posição de **trabalhar à noite por prazer**, mas logo destaca que é **necessário trabalhar** devido ao fato de estar inserido no capitalismo. Assim, conclui-se que o enunciador projeta seu discurso para transparecer a satisfação em trabalhar à noite, como algo em que gostaria de acreditar e, mais especificamente transparecer um amor por seu trabalho, que foi escolhido por ele próprio. Essa tentativa de demonstrar satisfação em relação a seu trabalho possibilita inferir que o enunciador busca por uma identificação com o mesmo, negando a obrigação.

(05) Não foi falta de opção (trabalhar durante a noite), é **hedonismo**, a palavra é essa mesmo, é hedonismo. Como em várias coisas da minha vida eu vou atrás do **prazer**, a noite me dá esse **prazer**. Já que é necessário trabalhar, eu **gosto** de trabalhar, não trabalho por **obrigação** (...) trabalho por obrigação porque eu **tenho** que pagar conta. (...) Trabalhar à noite pra mim é **satisfatório**, é um emprego que você consegue ele muito mais **fácil**, porque existe pouca disponibilidade no mercado de trabalhadores noturnos, é um emprego que tem que ter a ver com o seu estilo de vida, porque se não tiver você não topa, você não consegue, é o tipo de emprego... que enfim, eu encaro ele numa boa, não sei se eu conseguiria trabalhar durante o dia mais. (E1)

Ainda nesse trecho, o sujeito que trabalha para sobreviver no sistema econômico vigente aparece também a partir do sub-tema das leis de oferta e demanda do mercado de trabalho. A escolha pela noite para o trabalho passa a ter outro significado para o enunciador, a facilidade que pode também estar relacionada com o prazer é uma motivação, tanto devido ao fato de ser mais fácil conseguir o emprego como de se manter nele, já que para o enunciador há pouca oferta de mão-de-obra noturna. Ao mencionar que o trabalhador noturno tem que se identificar com o seu trabalho para conseguir se manter nele, E1, implicitamente, revela que a pouca disponibilidade de candidatos ao emprego noturno relaciona-se à incomum identificação das pessoas com esse tipo de trabalho, identificação essa traduzida pelo entrevistado como “estilo de vida”. Para ele, poucas pessoas possuem o estilo de vida necessário para “topar” esse tipo de emprego e, nesse contexto, aumenta-se a oferta de cargos noturnos. Ressalta-se, também na passagem do trecho 05, destacada com recurso *itálico*, como o entrevistado se refere ao trabalho noturno enquanto algo que demanda, além da identificação já mencionada, um esforço maior.

No fragmento 06, analisa-se uma parte da trajetória profissional de E1 que traduz sua identificação com a noite. Relata que biologicamente se sente mal durante as manhãs, mas que durante as noites trabalha melhor e como mais bom humor. A partir desse trecho, E1 – ao contrário de E3, cuja identidade no trecho 08 é percebida pela função – manifesta um elemento de identificação com o turno de trabalho. Assim, quaisquer funções exercidas por ele, são mais bem desenvolvidas no turno na noite, o que permite a construção de seu discurso baseado na opção por esse turno.

(06) Eu estava perdido, não sabia o que eu queria, quem eu era, o que eu estava fazendo. Já tinha trabalhado com engenharia, já tinha trabalhado com publicidade, já tinha trabalhado com um monte de coisas... aí, eu já tinha trabalhado com mil coisas e todas essas coisas envolviam de alguma forma criação e em todas elas as partes de criação aconteciam melhor à noite, eu conseguia interagir comigo mesmo de uma forma muito mais eficiente durante a noite. (E1)

No trecho seguinte, E1 faz a relação entre sua “opção” de trabalhar à noite e suas relações sociais, ressaltando que seu grupo, o de homossexuais, se identifica com a noite e que esta é sua

identidade cultural, o que pode ser observado pela escolha da expressão “na minha posição de gay”, justificando-se por ela e permitindo um implícito pressuposto de que todos os homossexuais gostam da noite. Em seguida, esse implícito pressuposto é explicitado pelo enunciador, o qual alega que as “bichas”, sujeito coletivo que representa o grupo de homossexuais no qual ele se inclui, “adoram a noite”. No entanto, ao reafirmar que “as bichas são loucas mesmo”, E1 justifica o gosto pela noite a partir da “loucura” do grupo, criando um implícito pressuposto de que somente os loucos gostam da noite. Discute-se, assim, o sentido que é atribuído para **loucas**. Há aqui o silenciamento de uma certa flexibilidade das “normas morais”, refratando a significação de um tempo sem regras ou de um tempo de realizar loucuras. Essa facilidade e a relação intrínseca entre o grupo de homossexuais e a noite podem também ser explicitadas pelo elemento do isolamento, que será analisado mais adiante.

(07) Bem, eu na minha posição de gay, de homossexual, para mim é muito mais fácil. *Porque as bichas são loucas mesmo e elas adoram a noite* (risos). (E1)

Pode-se inferir a partir do trecho 08 que, para E3, a identificação e o reconhecimento do trabalho estão relacionados à função exercida e não ao período de trabalho. Isso porque, conforme ele próprio coloca, na polícia, durante a noite, o isolamento gera medo e apreensão, desencadeando em insegurança. Na guarda municipal, o isolamento proporcionado pela noite, conforme será tratado no trecho 20, representa um afastamento desejado e proposital em relação àqueles que não manifestam reconhecimento positivo para os guardas municipais; já em penitenciárias, aspecto que o entrevistado trata em outro momento da entrevista, também é uma opção trabalhar durante a noite, pois o isolamento, em relação aos presidiários é positivo, tendo em vista que não se mantém um contato direto com eles. Para o enunciador, profissional que atua na área da segurança, o maior determinante para a opção pelo trabalho noturno não é o gosto pelo turno em si e sim as melhorias, em termos de diminuição dos riscos, que irão decorrer da inserção em trabalhos específicos. Observam-se, nesse sentido, vantagens na execução do trabalho noturno que vão além das econômicas, as quais serão tratadas a seguir.

(08) Olha, na prefeitura municipal eu sinto bem em trabalhar à noite... na polícia, eu já não sinto. Então varia, igual, as áreas que eu já estive, varia muito do local para local, do cargo pro cargo. (...) Porque cada órgão tem sua função, então a função que faz... torna a noite pra você, ela estressante. À noite na guarda municipal não é tão estressante. Porque ela exerce umas funções que são em uns locais fechados, então, em locais que você não tem muito acesso ao público, então são locais que você não está muito exposto. Que não te coloca, não te coloca assim a estresse. (E3)

A inserção no trabalho noturno por necessidade é mencionada no discurso da maior parte dos entrevistados. Nos enunciados destacados nos trechos 09, 10 e 11, respectivamente dos entrevistados E5, E6 e E4, é possível apreender o tema da “renda”, inserido no percurso temático da “necessidade”, que está relacionado às estratégias de sobrevivência econômica. Para esses entrevistados, executar esse tipo de trabalho é uma forma de obter renda. Como pode ser observado no trecho 09 e, principalmente, no trecho 11, para os enunciadores, o trabalho noturno oferece vantagens econômicas, uma vez que em um mesmo cargo, os salários noturnos são superiores ao diurno. Tem-se assim, que a vinculação ao trabalho noturno não se dá apenas pela necessidade de obter renda e, sim, pela necessidade de se obter uma renda maior do que aquela proporcionada pelo trabalho diurno.

Somada à idéia da vantagem financeira está, mais uma vez, a idéia do esforço, que pode ser expressa a partir do uso dos lexemas **sobreviver**, **preciso** e **cansado**, o que corrobora as

afirmações descritas no referencial teórico sobre as dificuldades de adaptação ao trabalho noturno. Nesse contexto, discute-se a implícita ambigüidade vivida por esses trabalhadores. Ao mesmo tempo em que não se identificam com o trabalho noturno e sofrem por vivenciá-lo, vinculam-se a esse tipo de trabalho pelas vantagens financeiras, as quais, na maior parte dos casos, justificam a permanência desses sujeitos nesses empregos. Observa-se, assim, a vontade de sair e a necessidade de ficar, o que agride essencialmente a pulsão desses indivíduos. Ainda na análise da necessidade, argumenta-se a possibilidade de identificação desse grupo, uma vez que precisar do emprego naquele turno implica um traço de similaridade entre esses indivíduos.

(09) Trabalhar é o jeito que a gente tem de ganhar a vida... de **sobreviver**... Eu comecei a trabalhar à noite tem mais ou menos um ano, porque me ofereceram o emprego e eu achei que era um bom jeito de ganhar um pouco mais... é um **esforço** que eu to fazendo... (E5)

(10) Não gosto de nada (sobre o trabalho noturno). Trabalho porque **preciso**, pois não quero prejudicar a minha família (...) Você fica **mais cansado**, com mais vontade de ficar quieto. Eu que me **esforço** um pouco pra não prejudicar a minha família. (E6)

(11) A noite te oferece mais em questão de **salário**. Porque acho que se fosse por opção ninguém gostaria de trabalhar à noite. Mas por uma opção de salário todo mundo opta pela noite. Lógico que não todo mundo, nem todo mundo opta pelo salário. Mas as pessoas que precisam, acabam optando pela noite, porque ela te oferece mais do que de dia. (E4)

Como discutido anteriormente, pôde-se perceber que há pessoas que se vinculam ao trabalho noturno por opção e outras por necessidade. Entretanto, ressalta-se que mesmo aquelas que se dizem inseridas no trabalho noturno por opção e que, portanto, se dizem satisfeitas com essa realidade, em diversos momentos apresentam contradições em seus discursos, parecendo buscar um sentido positivo para tal escolha. Percebe-se, então, a não identificação com o trabalho noturno, análise esta que percorre outros temas abordados a seguir.

#### 4.1.2 As peculiaridades da inversão dia-noite

E1, no trecho 12, descreve algumas dificuldades nas relações sociais ocasionadas pelo isolamento decorrente do trabalho durante as noites. Ele destaca que os trabalhadores noturnos que se relacionam com pessoas que “não estão envolvidas neste meio” enfrentam dificuldades. A partir da análise deste trecho, é possível perceber como o isolamento é uma forte característica de trabalhadores deste turno, o que pode ser elucidado pelos trechos 14, 15 e 16, analisados na seqüência. No caso de E1 o isolamento não aparece como bastante negativo para sua vida, é um isolamento opcional e, em certa medida, grupal, considerando que mantém relações com pessoas que trabalham à noite e especificamente com o grupo de homossexuais, inclusive com aqueles que freqüentam seu ambiente de trabalho. Possivelmente, o isolamento percebido pode ser uma forma de manifestação do medo da marginalização ou da discriminação social. Já para os demais enunciadorees, esse isolamento é pessoal em relação ao social e emerge de forma mais clara em seus discursos. Nestes casos, os sujeitos familiares e os amigos aparecem mais vezes no discurso como elementos importantes e presentes e que influenciam na percepção mais negativa em relação ao trabalho noturno. Além disso, as condições de trabalho de E2, de E3 e de E5, os obrigam ao isolamento e à solidão, o que em algumas situações pode ser apreciado e em outras pode ser rejeitado.

(12) Existe um lado muito negativo de trabalhar à noite que é o lado de distância do meio social, do horário padrão das pessoas, porque o meio social, depois eu descobri que ele continua existindo com a mesma intensidade, só que com horários diferentes. Então você tem uma **modificação** toda no seu planejamento de vida e vê se isso é condizente com o emprego noturno. No meu caso é (...) Isso deixa o seu meio social muito **restrito**, porque você começa a **conviver** somente com pessoas que trabalham à noite ou que têm disponibilidade de horários. E, no mais, é uma opção, é o **contrapeso** da balança. (E1)

E1 chega a perceber que o trabalho restringe seu meio social, passando a conviver somente com pessoas que têm a mesma disponibilidade de horários ou que se unem em função do gosto pela noite, evidenciando, assim, um possível processo de construção de uma identidade grupal. No entanto, mais uma vez o enunciador apresenta contradição em seu discurso ao argumentar, primeiramente, que o meio social permanece com a mesma intensidade ao trabalhar à noite e depois ao alegar que este se torna restrito com o trabalho noturno, como explicitado anteriormente. E4, no trecho 13, também faz considerações acerca do isolamento social seguido da formação, de certa forma impositiva, de um novo grupo. Em ambos os trechos, tanto E1 como E4 apresentam lexemas que se referem ao sentido da transformação de seu meio social, juntamente com a inversão característica do trabalho noturno.

(13) Porque os seus amigos de dia você meio que **isola**. Então você **cria** outros tipos de amigos, é os amigos que trabalham no mesmo horário que você... (E4)

Para E2, E3 e E4, o distanciamento dos relacionamentos sociais aparece com maior frequência, conforme já citado, sendo considerado, portanto, um elemento negativo presente e significativo, o qual pode gerar estresse, além de evitar a identificação com o trabalho noturno e gerar o compartilhamento de uma identidade entre os trabalhadores desse turno. Assim, como se percebe nos trechos seguintes, os entrevistados manifestam insatisfação em relação às condições de trabalho que os afastam do convívio social:

(14) (...) Estando de folga num tempo ao contrário como eu fico, às vezes tem alguma festa alguma coisa para sair, assim, que não dá para eu ir... porque, no caso, **festa** é mais é à noite. Não se vê uma **festa** de dia ou alguma coisa assim. Então, acaba que às vezes eu fico de fora. (E2)

(15) Sua vida social também muda, porque, às vezes, se você é casado, você passa a conviver... você num dorme com a sua esposa. Você tem que adequar isso. Seus filhos, às vezes, acaba não vendo. (E3)

(16) Então a família meio que fica de lado para pessoa que trabalha à noite. Eu acho que é o principal ponto para quem tem família, para quem mora com a família, para quem tem uma família perto... É muito complicado porque você **isola** da família. (E4)

Nos casos acima apresentados, E2, E3 e E4 falam sobre o convívio social. No primeiro caso, esse convívio aparece a partir do sentido da “festa”, como a forma de reunião, de distração e de relaxamento. Já no enunciado transcrito do discurso de E3 e de E4, o significado do afastamento do convívio social está refratado (BAKHTIN, 1975) pela importância creditada à família. Os enunciadores E4, E3 e E6, nos trechos 17, 18 e 19, apontaram, além dos malefícios decorrentes do isolamento, diversos aspectos negativos relacionados à saúde. Tais resultados corroboram as pesquisas já realizadas sobre o assunto apresentadas ao longo da fundamentação teórica, como os de Rutenfranz, Knauth e Fischer (1989) e Regis Filho (1998).

(17) Eu sinto muita dor de cabeça, o que eu não sentia antes. Você começa a desenvolver vários problemas de estômago, por exemplo. Não sei se pelo estresse, por nervoso, ou porque sua rotina de alimentação muda mesmo, não sei se por isso. Você por isso, você fica ansiosa, você não consegue dormir direito. Vários problemas emocionais, que você começa a desenvolver o que aconteceu comigo. Minha principal meta para poder sair da noite é essa, a minha saúde piorou muito, eu comecei a sentir várias coisas depois que eu comecei a trabalhar à noite e o principal ponto foi esse, foi o emocional... mexeu muito com o meu emocional. (E4)

(18) Questão de saúde também. Seu organismo muda completamente. Sua alimentação muda, seu sono muda. Então, assim, existe muito ponto negativo. Quando a pessoa assume trabalhar à noite é porque ela sabe que vai dar conta disso. (E3)

(19) Desgaste físico e mental. Você fica totalmente desregulado em tudo, sono, fome... (E6)

O tema do isolamento, como foi possível desenvolver ao longo da análise, está bastante presente no discurso dos entrevistados e, para alguns e em determinadas circunstâncias, o isolamento é almejado. No trecho 20, E3, que apresenta como principais pontos negativos do trabalho noturno o afastamento do convívio social e os prejuízos da saúde, mais próximo do final da entrevista reafirma ser o trabalho noturno uma escolha de diversas pessoas, na medida em que apresenta alguns vantagens relativas ao afastamento e isolamento, como mencionado na análise do trecho 08.

(20) Na Prefeitura, os melhores horários que tem pra trabalhar são à noite. Na Prefeitura Municipal (...) há uma resistência muito grande quanto à guarda (...) então, o que acontece, pra nós funcionários durante o dia a gente sente muita rejeição, então muitas vezes passar para o turno da noite, que você não vai ter contato com aquele funcionário diretamente da prefeitura... então muitas vezes você evita essa rejeição, você está num local que você sabe que não vai ter ‘encheção de saco’ e problema. Muitos guardas procuram a noite por isso (...) eu sou um deles. (E3)

E5 também destaca a questão do isolamento como positivo, mas desta vez aparece outra personagem que interfere no desenvolvimento do trabalho, o “superior”. Assim, enquanto subordinado a outras pessoas, destaca que a diminuição de pressões provenientes da ausência do chefe é uma vantagem do trabalho noturno, no entanto, logo em seguida, destaca o discurso da falta de segurança. Tem-se aqui a noite como um “tempo sem lei”, onde a criminalidade pode ocorrer em função da menor vigilância tanto pela sociedade quanto pelos responsáveis pela segurança na mesma. Desprotegido, o enunciador teme os riscos da noite que podem recair sobre ele e, indiretamente, sobre a sua família, evidenciando um discurso paternalista. Mais uma vez, discute-se a noite enquanto espaço onde as normas são transpostas: as decorrentes do trabalho são mais flexíveis e as legais são facilmente transgredidas.

(21) A parte boa é que a noite não tem chefe perto, acho que passa até mais rápido... e eu também gosto do lugar onde eu estou, mas como eu falei às vezes dá medo de acontecer alguma coisa, a gente pensa na família (...) a gente fica muito sozinho, é perigoso porque a gente sabe que é à noite que muita coisa acontece, na noite muitas vezes não tem lei... (E5)

É interessante enfatizar que, ao serem questionados a respeito de uma possível compensação entre os pontos positivos e negativos de se trabalhar à noite, a maior parte dos

entrevistados respondeu que tal compensação não existe, não havendo, portanto, o que El denomina “balança”. Isso fica claro a partir do relato de que, caso tivessem outra oportunidade satisfatória, deixariam o trabalho atual. É possível inferir por meio desta informação que existe uma recusa em se identificar com o trabalho no turno da noite e, como argumenta Albert (1998), não há identidade sem identificação.

## 5 Considerações finais.

As contribuições desse artigo referem-se primordialmente à busca pelo entendimento aprofundado deste tema ainda não muito explorado na Administração: o trabalho noturno. Desprivilegiar o trabalhador noturno significa “fechar os olhos” para uma organização do trabalho cada vez mais representativa na sociedade moderna, sendo, portanto, indispensável sua observação nos Estudos Organizacionais. De forma mais específica, o objetivo da pesquisa consistiu na investigação acerca da configuração identitária dos trabalhadores noturnos. Buscou-se apreender as percepções destes trabalhadores em relação ao seu trabalho – organizado de forma distinta do trabalho diurno – e, por meio de tais percepções, traçar os principais pontos de (não)identificação desses sujeitos com o tipo de trabalho no qual estão inseridos.

Partindo-se deste objetivo, duas questões foram apresentadas no início da análise como mais pertinentes - a ocorrência de uma não identificação ou de uma identificação dos sujeitos com o trabalho noturno. De forma geral, pôde-se perceber que a primeira questão reflete a realidade destes trabalhadores, ou seja, não existe uma identificação com tal tipo de trabalho, muito em função dos impactos causados pelo mesmo na vida das pessoas. Os problemas de saúde e as dificuldades nas relações pessoais com amigos e família foram apontados dentre vários outros aspectos, os quais se unem em um conjunto de significações negativas em relação a este tipo de trabalho realizado no período da noite. Questiona-se, neste sentido, se é possível consolidar uma identidade diante de tantas representações negativas que emergem desse tipo trabalho, tendo em vista a importância de tais representações neste processo de construção identitária.

A partir dos discursos analisados, foi possível perceber quais são, na percepção dos trabalhadores noturnos, os simbolismos da noite enquanto turno de trabalho, a saber: (1) noite como turno dos que aproveitam-na; (2) turno do silêncio e (3) turno da solidão. Em algumas passagens, tais representações simbólicas se mostram positivas e, em outras negativas. Entretanto, cabe destacar que, mesmo para os que gostam da noite, que preferem-na ao dia, para os momentos de lazer, de distração e de descanso, eles provavelmente têm vontade de usá-la. Se trabalhar à noite representa uma satisfação, pode representar, concomitantemente, insatisfação, no sentido de que o trabalhador do dia aproveita a noite para distrair-se, enquanto o outro trabalha. Percebeu-se também que a significação do trabalho noturno está intrinsecamente relacionada com as histórias de vidas dos atores sociais, entretanto, foi possível apreender algumas similaridades entre eles. A “opção” pela “necessidade”, justificada pela estratégia de sobrevivência, apareceu no discurso de alguns dos entrevistados. Nesse sentido, pode-se apontar que essa “opção” pela “necessidade” constitui tanto um ponto de similaridade entre os membros do grupo, como também leva à distinção desse grupo, na medida em que se faz um ponto de diferenciação deste em relação a outros grupos que não se vinculam aos empregos por essa motivação.

Outra consideração essencial está relacionada ao convívio social e à necessidade de novas socializações. Isso porque, como invertem seus hábitos, vivem à noite e descansam em uma parte do dia, precisam desenvolver suas atividades, em sua maioria, com pessoas que mantenham o

mesmo ritmo ou um ritmo aproximado de vida. Essa alteração representa mudança nos costumes, que podem inclusive resultar na formação de um grupo desses trabalhadores. Acrescenta-se ainda que, caso o trabalho noturno seja percebido como o isolamento da sociedade ou como uma “anormalidade”, e caso não haja aspectos positivos ou surgimento de uma identificação, por mínima que seja, pode-se desenvolver uma espécie de reação anômica, que pode ser prejudicial ao trabalhador afetando, inclusive, sua saúde.

Neste sentido, é válido retomar a questão do trabalho noturno enquanto uma forma de se organizar o trabalho que contraria os moldes nos quais as pessoas são socializadas, isto é, o dia para o trabalho e a noite para o descanso. Por meio da pesquisa evidenciou-se tal confrontação, que faz com que muitas vezes o trabalho seja encarado pelos próprios trabalhadores como anormal. Os resultados da pesquisa demonstram que a realidade destes trabalhadores se distingue completamente da vivenciada pelos trabalhadores diurnos. Partindo desse pressuposto, acredita-se que tudo que envolve o trabalho noturno – incluindo as organizações e as relações mantidas nas mesmas – se estabelecerá de forma diferente, o que sugere novos estudos.

## 6 Referências

- ALBERT, S. The Definition and Metadefinition of Identity. In: WHETTEN, D. A.; GODFREY, P. C. (org.) **Identity in Organizations: building theory through conversations**. Londres: Sage Publications, 1998. p. 17-31.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE MEDICINA DO TRABALHO. FAQ. **Trabalho noturno e em turnos**. Responde principais dúvidas dos navegantes. Disponível em: <http://www.anamt.org.br>. Acesso em: 13 agosto 2007.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9 ed. São Paulo: Hucitec, 1975. p.9-47 e p.110-127.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 25. ed. Petropolis: Vozes, 2005. 247p.
- BRASIL. Consolidação das leis do trabalho. DELMANTO, A. M.; OLIVEIRA, D. E. **CLT**. 4. ed. São Paulo: Rideel, 1998. 690 p.
- DUBAR, C. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- DUCROT, O. "Pressupostos e Subentendidos". In: **O dizer e o dito**. Revisão técnica da tradução Eduardo Guimarães. Campinas-SP: Pontes, 1987. p.31-43.
- FERNANDES, C. A. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas 2005, 118p.
- FERNANDES, K. R.; ZANELLI, J.C. O Processo de Construção e Reconstrução das Identidades dos Indivíduos nas Organizações. RAC. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 10, p. 48-72, 2006.
- FIORIN, J. L. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Ática, 7ª edição, 2003. 87p.
- GIOIA, D. A. From Individual to Organizational Identity. In: WHETTEN, D. A.; GODFREY, P. C. (org.) **Identity in Organizations: building theory through conversations**. Londres: Sage Publications, 1998. p. 17-31.
- KLEITMAN, N. Sleep and wakefulness. Chicago: University of Chicago Press, 1963. IN: RUTENFRANZ, J.; KNAUTH, P.; FISCHER, F. M. **Trabalho em turnos e noturno**. São Paulo: Editora Hucitec, 1989. 135p.
- LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar

Ed., 2001. 117p.

MACHADO, H. V. A Identidade e o Contexto Organizacional: Perspectivas de Análise. **Revista de Administração Contemporânea**, p.51-73, 2003, Edição especial.

PÊCHEUX, M. [1969]. Análise automática do discurso. In: **F. GADET & T. HAK (orgs).** **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** Campinas: Unicamp, 1990. p.69-87.

REGIS FILHO, G. I. R. **Síndrome da Maladaptação ao trabalho em turnos: uma abordagem ergonômica.** 1998. Dissertação (Mestrado em Engenharia da Produção) – Curso de Pós-graduação em Engenharia da Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

ROTENBERG, L.; PORTELA, L. F.; MARCONDES, W. B.; MORENO, C.; NASCIMENTO, C. P. **Gênero e trabalho noturno: sono, cotidiano e vivências de quem troca a noite pelo dia.** Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 17(3): 639-649, mai-jun, 2001.

RUTENFRANZ, J.; KNAUTH, P.; FISCHER, F. M. **Trabalho em turnos e noturno.** São Paulo: Editora Hucitec, 1989. 135p.

THIOLLENT, M. J. M. **Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária.** São Paulo: Polis, 1987.

VERGARA, S. C. **Métodos de Pesquisa em Administração.** São Paulo: Editora Atlas S.A., 2005. 288p